

Ensaística Seniana

«*Matéria Cúmplice* (o título procura traduzir uma relação) reúne um pequeno número de estudos que são como que aberturas para diversos aspectos da vida e da obra do poeta (a desenvolver, por mim ou por outros). O livro fecha com uma bibliografia, “Trinta anos de Jorge de Sena: 1982-2012”, que tem um propósito informativo e comemorativo, dando a esta selecção de estudos uma forma circular, significativa, uma vez que o seu prelúdio tem como tema a recepção de Jorge de Sena. E creio que a estrutura circular e o encadeamento possível entre cada um dos estudos conferem ao conjunto uma particular consistência.»

Matéria Cúmplice. Cinco Aberturas e um Prelúdio para Jorge de Sena

Jorge Fazenda Lourenço



Matéria Cúmplice. Cinco Aberturas e um Prelúdio para Jorge de Sena

Jorge Fazenda Lourenço

ddbe

00610641849001
ISBN 978-972-665-681-4



Guimarães

JORGE DE SENA E A DIÁSPORA,
OU O PORTUGAL DISPERSO

true exile is a condition of terminal loss

Edward W. Said (2000: 173)

O «Portugal disperso» do título é uma expressão que Jorge de Sena utiliza, por duas vezes, no célebre «Discurso da Guarda», proferido no dia 10 de Junho de 1977, como sinónimo de diáspora. Para lembrar que somos um «Portugal disperso pelo mundo desde que o país existe» (Sena, 2011a: 330) e para dar a ler *Os Lusíadas* como uma obra, ou melhor, nas suas palavras, como uma «construção» em que Camões reúne, a seu tempo, esse Portugal disperso, para o que tivera de deixar (e esta contrapartida é extremamente importante) «a vida, como [ele] disse, pelo mundo em pedaços repartida» (Sena 2011a: 336). Daí a conclusão (a última frase mesmo) do discurso: «Portugal, como Camões, é a vida pelo mundo em pedaços repartida» (Sena, 2011a: 339). O que poderá significar que a dispersão da vida do poeta, a sua errância ou peregrinação de mundo, quer dizer, em termos senianos, a sua *peregrinatio ad loca infecta*, é condição necessária ao cumprimento dessa missão de resgatar, numa totalidade simbólica, o Portugal pelo mundo disperso.

Jorge de Sena voltará a falar da diáspora portuguesa (substantivo que nunca ocorre no discurso da Guarda) num dos seus últimos escritos, «Ser-se imigrante e como» (Sena 2011b), um texto, de Fevereiro de 1978, em que são retomados alguns aspectos do discurso do Dia de Camões,

nomeadamente quanto à distinção entre emigração e exílio, que o actual uso do termo «diáspora» tende a indiferenciar (ver Knott e McLoughlin, 2010).

Face à requerida brevidade desta intervenção, o *corpus* que selecionei para guiar as minhas reflexões, ainda que representativo, é necessariamente exíguo, e contém apenas breves alusões a poemas, concentrando-se em textos de carácter ensaístico, discursos e entrevistas, mais interessado que estive, dadas as características deste congresso, na «história de vida» de Jorge de Sena do que na sua transfiguração poética, sobre a qual tenho dissertado noutros lugares. É claro que entendo, aqui, essa «história de vida» como a construção narrativa de uma subjectividade, ou, para usar a expressão de Erving Goffman, enquanto «apresentação do Eu», o que envolve, portanto, problemas de auto-representação e de reconhecimento, quer do ponto de vista filosófico quer do ponto de vista antropológico e social.

♣

O termo *diáspora*, de origem grega, como todos sabemos, significa *dispersão*, e sinaliza o exílio das comunidades judaicas fora de Israel, bem como o conjunto dessas comunidades, remetendo, assim, para acontecimentos históricos muito dilatados no tempo: desde a queda de Samaria em 721 ou da deportação para Babilónia em 586 antes da nossa era, até às perseguições nazi-fascistas do século xx, passando pela expulsão, nos séculos xv e xvi, daqueles judeus sefarditas que se haviam instalado na

Península Ibérica desde que o imperador Tito destruía Jerusalém, no ano 70 (ver, também, Sena, 2011b: 148-154).

Embora o termo se refira à dispersão física dos judeus pelo mundo, a palavra está carregada de conotações religiosas, políticas, filosóficas, soteriológicas e escatológicas, a que Jorge de Sena está, obviamente, atento. Por exemplo, quando observa, no contexto de uma crónica de viagem a Angola e Moçambique, no ano camoniano de 1972: «A diáspora portuguesa já deixa na sombra a do povo judaico, de que tanto sangue nos corre nas veias de vagamundos» (Sena, 2011a: 210). E todos recordamos o Salmo 136 que, na nossa cultura, serve de intertexto ao grande poema da diáspora que é «Sobre os rios que vão», as celebradas redondilhas de Camões que estão na base da construção textual das *Oito meditações à beira do Pacífico*, de Jorge de Sena – a sequência de poemas *Sobre esta praia...*, escrita em Santa Barbara, na Califórnia, ainda em 1972 (ver Lourenço, JF, 1998), e que ecoam numa carta de Jorge de Sena a Vergílio Ferreira, de 5 de Março de 1964: «Eu penso, cada vez mais, que não somos, meu caro, para viver aí (nem aqui). Mas, para de outras partes, ficarmos chorando sobre os rios que vão» (Sena 1987: 82).

Como diz Claudio Guillén, no seu conhecido ensaio *El sol de los desterrados: literatura y exilio*, «No hace falta recordar aquí que, para los pueblos del Libro, el exilio, tras la expulsión del Paraíso, es la condición originaria y universal de la vida del hombre en la tierra» (Guillén, 1995: 146). E aqui, nesta justaposição entre exílio e diáspora, o cristianismo joga um papel fundamental, ao ligar o resgate da dispersão da humanidade, após a expulsão de Adão e Eva do paraíso, ao sentido soteriológico da peregrinação:

In the first century CE, Christians adopted the term diaspora, but altered its soteriological meaning according to Christian eschatology. The

individual writers of the different biblical stories and letters interpreted the early Church “as a pilgrim, sojourning and dispersed community, in the understanding that it is the eschatological people of God” (Arowele, 1977: 476). On earth, dispersed Christians would function as the “seed” to disseminate the message of Jesus. The Christians’ home, however, was the so-called “heavenly city Jerusalem”, the goal of Christian pilgrimage. (Baumann, 2010: 22)

Tudo isto está, desde muito cedo, presente na criação de Jorge de Sena, através de dois contos escritos quando ele tinha apenas 17 ou 18 anos de idade, «Paraíso Perdido» e «Caim» (recordemos que este é, na mitologia judaico-cristã, o primeiro peregrino, tal como Adão e Eva são os primeiros exilados), culminando naquela sequência do Pacífico, que é o seu testamento poético e um dos grandes poemas de exílio da língua portuguesa.

Quanto à pátria que aqui nos traz (ou seja, à terra do pai), Jorge de Sena, no prefácio que escreve, em 1972, para o livro de poemas *A Terra de Meu Pai*, de Alexandre Pinheiro Torres, lembra o seguinte:

Seria muito distraidamente nascido em Portugal o poeta que saltasse de si mesmo para o geral da humanidade, sem levar consigo como que um sarro amargo, uma tristeza raivosa, algo de um uivo doloroso que transportamos em nós, há oito, há pouco mais de cinco, há pouco mais de três séculos, ou há século e meio, há um século, ou há meio, conforme as efemérides de que se conte o nosso destino em situação. Assim, a «ilha», o «deserto», a «terra paterna» são igualmente uma transição inescapável entre a pessoa do poeta e a humanidade de que fala: aquele canto de solidão e de agonia, aonde se nasceu, tanto para amá-lo como para não ser amado por ele. É Portugal um canto tão estranho, que dir-se-ia que toda a gente lá nasceu *para ser a mais*, estar a mais. (Sena, 1978a: 424)

Desta ideia de Portugal como uma espécie de cativo da Babilónia, ou de purgatório para espiar a única falta de aqui termos nascido, fala desde sempre a nossa poesia, canto desse canto, aquela cuja língua tem sido, justamente, uma pátria, lugar de exílio, para citar, de uma assentada, dois poetas portugueses. Mas o termo diáspora dispersou-se também no vocabulário das chamadas ciências sociais, designando, nesse contexto, a dispersão de populações provocada quer por perseguições políticas, étnicas ou religiosas, quer por motivos económicos. Assim, às «diásporas antigas» (judaica, grega e arménia), há que juntar as «diásporas económicas e coloniais» (chinesa e indiana), mas também as mais recentes diásporas políticas de palestinos e libaneses. Recorrendo à síntese de um dicionário de relações internacionais, que nunca refere, obviamente, a diáspora portuguesa:

Uma diáspora é uma população em situação de dispersão geográfica, de exílio político ou de migração económica. De modo restrito, ela é o resultado de um fluxo migratório culminando na constituição de uma população que conserva uma forte consciência d[a] sua identidade (linguística, religiosa...) e das relações, pelo menos afectivas, com o seu país de origem. (Boniface, 2008: 106)



No «Discurso da Guarda», Jorge de Sena começa por agradecer o convite para falar naquele Dia de Camões, dedicado, como ele refere, «à recordação das comunidades portuguesas ou de origem portuguesa dispersas pelo mundo», dizendo que está ali na sua «dupla qualidade de estudioso de Camões, e de residente no estrangeiro» (Sena, 2011a: 327). E depois de se apresentar brevemente como camoniano, esclarece que «ser um residente no estrangeiro» não é o mesmo, no seu caso, que ser «um emigrante no estrangeiro»: «não sou exactamente um emigrante no estrangeiro, ainda que neste viva, e com os emigrantes me possa identificar – aqueles emigrantes que vi e tenho visto de perto, primeiro no Brasil e depois nos Estados Unidos, e também pelo mais largo mundo que tenho percorrido» (Sena, 2011a: 328). E um pouco depois, reiterando e explicando:

[...] eu não sou exactamente um emigrante no estrangeiro, porque, quando saí de Portugal, tinha vinte anos de escritor publicado, e desde então a maior parte da minha obra, ou grande parte dela, foi escrita para Portugal ou em Portugal publicada. Seja o que seja, continuo a ser o que era, quando me exilei muito a tempo naqueles idos negros e tristes de 1959: um escritor português que vive no estrangeiro e que mantém um permanente contacto com Portugal, até por obrigação profissional [...]. (Sena, 2011a: 328)

A propósito desta distância que Jorge de Sena procura manter em relação à condição de e/imigrante (diferença que não pressupõe qualquer desrespeito pelas pessoas dos e/imigrantes), as declarações que proferiu a propósito da Comenda da Ordem do Infante D. Henrique com que foi agraciado em 1977, são também significativas:

Aceitei a Comenda [...] por considerar que, ao fazê-lo, me solidarizava com os outros emigrantes distinguidos comigo. Considerei, também, que era uma enorme honra que o Presidente da República me dava, mas, ao mesmo tempo, pensei, um tanto ironicamente – e sem que isso procure atingir a boa vontade das pessoas que trabalharam para que a comenda me fosse atribuída – que a Pátria me condecorava pelo favor que eu lhe tinha feito em me ter ido embora... e de continuar fora do País. (Sena, 1977a)

E numa carta a Eduardo Lourenço, de 15 de Maio de 1977:

A comenda foi uma piada da burrice lusitana, e que eu aceitei como tal. Eu não fui condecorado *por ser eu mesmo* com o colar de Santiago, mas com a «comenda do Infante» (como vários padres e outras pessoas, decentes ou não, da Califórnia) como emigrante, cidadão estrangeiro já, que tem prestado serviços distintos ao País no estrangeiro... Aceitei, para acrescentar mais uma ironia biográfica para a minha vingança póstuma feita pela pátria mesma. (Sena, 1991: 111)

Repare-se que o que Jorge de Sena destaca é o facto de não ser reconhecido por aquilo que é: «Eu não fui condecorado *por ser eu mesmo*», isto é, «um escritor português» (ver, acima, Sena, 2011a: 328). O que, no fundo, o confirma como um excluído da terra do pai. A ironia está neste, nesta consagração do poeta exilado como um cidadão do mundo, estatuto que Jorge de Sena sempre reivindicou para si mesmo. Sagração certamente involuntária, por parte dos poderes da Cidade (como dantes se dizia), o que lhe dá um valor simbólico acrescido, sobretudo para quem a vida sempre soube a destino (como diz um poema seu).

A distância crítica de Jorge de Sena em relação a uma condição de emigrante (sentida, por vezes, até, como uma imposição com fins

instrumentais)¹ tem também expressão na sua obra. Em carta a Eduardo Mayone Dias, de 6 de Abril de 1974, respondendo a uma solicitação de poemas para uma «antologia de emigração» (a expressão é de Mayone Dias), o poeta afirma: «No meu caso, grande parte da minha poesia dos últimos anos é, indirectamente, de “exílio”, mas não me lembro de ter tratado alguma vez da “emigração” como tema poético» (Sena, 1999: 284).

Contudo, Francisco Cota Fagundes não deixa de tocar num ponto sensível, ao apontar a ocorrência de certas «hesitações semânticas que Jorge de Sena, ao falar de si, revela – em várias ocasiões refere-se a si mesmo como “imigrante”, outras como “exilado”, outras ainda como um português que trabalha nos Estados Unidos» (Fagundes, 2000: 197). Deve aqui levar-se em linha de conta que a existência de uma família numerosa põe a qualquer exilado políticos básicos de emigração, no sentido económico e jurídico, e também de integração social e cultural, como foi o caso de Jorge e Mécia de Sena: sete filhos aquando da ida para o Brasil, que serão nove aquando da mudança para os Estados Unidos.

Eu creio, no entanto, que tais «hesitações» revelam, sobretudo, a dificuldade em dar a compreender aos outros uma identidade complexa, que é a dificuldade de ser tudo isso cumulativamente, mesmo que a condição ontológica do exilado se sobreponha a todas as outras; ou antes, pré-

¹ Nomeadamente, por parte de alguma imprensa posterior ao 25 de Abril de 1974: «Na melhor das intenções, vária imprensa anunciou ou referiu que eu falaria aqui como representante dos luso-americanos. Se alguém pensou que eu tal faria, mais que num plano meramente simbólico de partilhar com eles o viver nos Estados Unidos, enganou-se redondamente. Primeiro que tudo, eu não sou um luso-americano [...]. E, em segundo lugar, que é o primeiro de todos, eu não recebi dos luso-americanos nenhum mandato eleitoral para falar em nome deles» (Sena, 2011a: 329).

-exista a todas elas. Aliás, a perspectiva de um poeta não poderia ser outra. E por isso Jorge de Sena toma como modelo um Camões que ele lê como «o homem universal por excelência, o português estrangeirado e esquecido na distância, o emigrante e o exilado, [aquele que] é [...] na sua obra inteira, [...] a medida do mais universal dos portugueses e do mais português dos homens do universo» (Sena, 2011a: 336-337). «Na sua obra», isto é, como poeta, e não apenas como homem, ainda que um seja (ou tenha sido) o resultado da interacção com o outro. «Ninguém como Camões nos representa a todos, repito, e em particular os emigrantes, um dos quais ele foi por muitos anos, ou os exilados, outro dos quais ele foi a vida inteira, mesmo na própria pátria, sonhando sempre com um mundo melhor, menos para si mesmo que para todos os outros» (Sena, 2011a: 337). Repare-se na conjunção designativa de alternativa...

Eduardo Lourenço, num ensaio sobre José Rodrigues Miguéis, medita sobre uma situação paralela:

Em muitas passagens da sua obra se refere Rodrigues Miguéis ao seu «exílio» e à sua condição de «exilado». Em certas outras prefere dizer-se «expatriado». Quem se diz «expatriado» assume e designa assim uma ausência escolhida da pátria. Quem se diz e sente «exilado» denuncia uma ausência imposta por uma vontade alheia ou pelo destino. Todo o exilado é, naturalmente, um expatriado, um homem «fora da sua pátria», mas nem todo o homem «fora da sua pátria» é um exilado. Entre exílio e expatriação há uma diferença de qualidade e de sentido, relativa ao modo como se não tem já a pátria que se teve. Ou inversa e mais profundamente, como se tem a pátria que já se não tem. Ausente, o exilado está *essencialmente* na terra que deixou. Nesse sentido ninguém tem mais pátria que aquele que a perdeu e a vive como perdida. É difícil que um expatriado não se sinta também, a seu modo, um exilado. Mas enquanto apenas expatriado é um homem que largou amarras, que assume a ausência e se assimila aos

poucos a uma nova pátria. É a história natural de todos os emigrantes do mundo. Dos nossos, em particular. (Lourenço, 1994: 209-210)

Julgo que, no essencial, o mesmo raciocínio se pode aplicar às «hesitações semânticas» entre emigrante (ou imigrante) e exilado verificadas no caso de Jorge de Sena. Começo até a duvidar se serão mesmo «hesitações»; se não será, antes, a maneira que Jorge de Sena tem de se olhar e de se apresentar de pontos de vista diversos, no reconhecimento, portanto, de uma identidade plural.

A dificuldade de Jorge de Sena em se rever no estatuto de emigrante (ou imigrante) está naquela «diferença de qualidade e de sentido» que Eduardo Lourenço refere – diferença que é ainda mais acentuada entre exílio e emigração, muito embora um emigrante se possa sentir também um exilado. Trata-se, no fundo, de pensar a questão nos termos de um «destino em situação». É a situação de Jorge de Sena face ao mundo (da vida, da política, da criação estética) contém dimensões que transcendem a condição emigrante ou imigrante.

O ponto de clivagem desse «destino em situação» reside, por isso, na perspectiva de Jorge de Sena, na sua condição de escritor, de intelectual, aquilo que marca, em «Ser-se imigrante e como», uma diferença de estatuto: «À primeira vista, há uma enorme diferença entre entrar por baixo e entrar por cima, quando a gente vai com a família para o estrangeiro» (Sena, 2011b: 154). A expressão, «À primeira vista», parece querer iludir o problema do elitismo inscrito naquela afirmação de uma diferença, mas é disso mesmo que se trata. Vejamos o que Jorge de Sena escreve em Madison (Wisconsin), num texto datado de Julho de 1968, ou seja, a dez anos de distância do anteriormente citado:

Sob [certos] aspectos, eu e a minha família somos imigrantes portugueses na América, embora com seis anos prévios de abasileiramento. Todavia, com diferenças substanciais em relação ao imigrante português, tal como largamente o vi no Brasil, ou sei que ele é aqui, nas regiões onde se concentra (Massachusetts e Califórnia). O imigrante português chegou da Madeira, dos Açores, de Trás-os-Montes, não sabendo de Portugal mais que os horizontes da sua aldeia. As Américas [...] oferecem-lhe possibilidades de enriquecimento, de ascensão social, etc., que ele nunca sonhou que existissem. A tal ponto não sonhou, que uma das características do imigrante português, com raras exceções, é a sua falta de altas ambições, a sua satisfação com uma mediania que lhe parece já uma ascensão infinita. E, se não faz esforço para compreender o mundo que o rodeia e integrar-se plenamente nele, não menos está em condições de aceitar passivamente como maravilhoso esse mesmo mundo. Esta não pode evidentemente ser a situação de quem imigra *por cima*, como é o meu caso pessoal. Eu não vim ser na América aquilo que não era, ou ter oportunidades que nunca tinha tido – e estou em condições de sentir agudamente as falácias do sistema americano de vida [...]. (Sena, 2011b: 22).

E o parágrafo seguinte deste seu «Testemunho pessoal sobre viver nos Estados Unidos da América» abre com uma expressão que clarifica a situação e o ponto de vista de Jorge de Sena: «Para um intelectual», e, para mais, como adiante diz, «Por natureza [um] *outsider*, que sempre tive a consciência de ser em toda a parte e em qualquer meio» (Sena, 2011b: 22, 26). É essa faculdade de exercer uma dupla visão, esse desdobramento crítico de quem é capaz de se observar de fora e de dentro, essa capacidade de dar ao mesmo tempo testemunho de si mesmo e do mundo, ou seja, de ser testemunha de si no mundo, que parece ser o traço diferenciador do trabalho do intelectual (e também do trabalho poético). Como diz Edward Said, «the critical task for the exile in my view is to

remain somehow skeptical and always on guard, a role I have directly associated [...] with the intellectual vocation» (Said, 2000: xxxiii).

Esta distância crítica é legível, por exemplo, nos discursos, palestras, mensagens em que Jorge de Sena se dirige às comunidades portuguesas ou luso-americanas da Califórnia, no período posterior ao 25 de Abril de 1974, e em que procura *explicar* a revolução, enquadrando-a numa releitura do passado histórico de Portugal, ou seja, lendo a revolução à luz da História, mas relendo também a História de Portugal à luz da revolução. Nesses textos, agora reunidos na secção V de *Rever Portugal* (2011), Jorge de Sena assume, plenamente, as funções de mediação, de guia e intérprete da realidade política e social, que são as do intelectual, num desejo de intervenção cívica e cultural, de regeneração democrática da nação, que continua e coroa a sua luta nas fileiras da oposição ao Estado Novo, iniciada ainda no seu exílio português.

Outro discurso significativo do distanciamento de Jorge de Sena em relação às práticas culturais das comunidades de emigrantes (ou imigrantes) é a sua intervenção – e o seu último texto, publicado em *América, América* (2011) – numa iniciativa académica sobre as «tradições portuguesas». O título dessa intervenção, em inglês, «Traditions change», é todo um programa (ver Sena, 2011b).

A dimensão existencial da diáspora vivida por Jorge de Sena, definida com a sua chegada ao Brasil, em 1959, já escritor reconhecido, onde fica como professor universitário, é, antes de mais, a da oposição política ao salazarismo, no jornal *Portugal Democrático*, na Unidade Democrática Portuguesa, nos Comitês de Intelectuais e Artistas Exilados, em suma, com outros «envolvido no sonho de libertar Portugal» (Sena, 1988: 227), como diz no prefácio às *Memórias do Capitão*, de João Sarmiento Pimentel, na continuidade de uma actividade política (ainda que discreta, pois era funcionário público) que levava ao seu comprometimento no gorado golpe da Sé, em Março daquele ano, e ao subsequente exílio. É desta diáspora que Jorge de Sena, ao falar de si, fala em «Ser-se imigrante e como», ou na entrevista que concede, em Salamanca, a Ignacio Moneo, para lamentar, afinal, que ela tenha sido escassa para dar visibilidade a um Portugal diverso, ao contrário, por exemplo, do que sucedera com a Espanha². E é essa diáspora enquanto exílio que ele contrapõe à diáspora enquanto emigração:

Pode dizer-se que, salvo casos isolados de grandes figuras, alguma diáspora só se produziu nos últimos vinte anos do regime, ou menos, e nunca em quantidades que pudessem modificar em tempo o tremendo peso de propaganda ou de retardada ignorância [sobre Portugal] que encontrei no Brasil em 1959 [...]. Ao contrário do povo que sempre emigrou, o intelec-

² «En Portugal hay que tener en cuenta que muy pocos fuimos los que en estos años abandonamos el país y escribíamos en el extranjero, la mayoría quedó dentro [...]. Por otro lado, en España, tras la guerra civil, hubo muchos literatos que salieron y ha existido una literatura española en el exilio» (Sena, 1977b).

tual português, mesmo que do povo tenha saído ou com o povo encha a boca, a prosa e a mentirolice política, não emigra – ele sabe que, se alguém se for embora, fica mais espaço para ele [...]. [...] nós não tivemos a grande purga de uma diáspora de intelectuais. Temos tido, como acentuei antes, a secular diáspora de um povo inteiro. (Sena, 2011b: 152-153)

O exilado é aquele em que coincidem, como num oximoro letal, a ausência e a presença – da pátria, de si mesmo ou do mundo. E assim, Jorge de Sena se diz «sempre exilado, e sempre *presente*» (Sena, 2005: 205). «Eu sou uma espécie de exilado profissional. Eu acho que já o era em Portugal, antes de [de] lá sair» (Sena, 1968: 21) – diz numa entrevista ao *Diário de Lisboa*:

[...] eu sou um homem visceralmente de exílio, que se sente mal em toda a parte, mas que chegou à conclusão que se sente mal no Mundo, embora ache que não há outro. E daí eu ter concluído que devemos ser sempre de todos os lugares que nos acolhem; Sem que isso ponha a questão [...] da nossa nacionalidade profunda, que é aquela da cultura a que nós pertencemos. Tudo o mais, acho que são questões de passaporte...; [...] mas tem determinadas consequências de ordem moral: obriga pelo menos moralmente a uma lealdade para com os países a quem a gente pertence! (Sena, 1968: 21)

Aquando da sua morte, em 1972, Jorge de Sena chamou a Adolfo Casais Monteiro (que já falara de si como «estrangeiro definitivo») «o estrangeiro e o exilado perfeito» (Sena, 1989: 204), e o mesmo poderíamos dizer de alguém como ele que, tendo sido «sempre um exilado mesmo antes de sair de Portugal» (Sena, 1978d: 36), se expatriou voluntariamente para o Brasil, aí se naturalizando brasileiro (para poder obter o diploma de Livre-Docência), antes de mudar para os Estados Unidos,

ainda e sempre como português. É que, dupla ironia, «para efeitos de imigração [...], os Estados Unidos da América não reconhecem nem aceitam nacionalidades *segundas*, pelo que, oficialmente e legalmente, embora com um passaporte brasileiro, eu continuo português [...], ainda que não em Portugal sempre que é conveniente» (Sena, 2011a: 351). Aliás, o ter-se naturalizado brasileiro, não lhe permite também ser reconhecido pelos brasileiros como um nacional.

Esta tragicomédia da nacionalidade – «Ah, naturalizado, não é brasileiro»; «Brasileiro naturalizado? Ah, não é português» – está representada, fragmentariamente, no poema «O ecumenismo lusitano ou a dupla nacionalidade» (Sena, 1989: 171), uma espécie de *sitcom* que tem como actores duas freiras brasileiras peregrinas, uma morena portuguesa com «pernas ainda de varina», e o nosso poeta, à saída da catedral de Colónia, numa «manhã de inverno» de 1970.

Uma vez espoliado, privado, desapossado de qualquer nacionalidade, a dificuldade de ser-se em exílio, e as incomodidades que ela provoca, só podem ser expressas, ou de um modo paradoxal – como sucede, por exemplo, no prefácio ao livro de Helder Pinho sobre os *Portugueses na Califórnia*, em que Jorge de Sena afirma: «Sem me considerar, efectivamente, o emigrante que na realidade sou» (Sena, 2011b: 135) –, ou então como rasura da própria identidade nacional. É que ser espoliado significa também ser despojado, liberto, livre para errar pelo mundo, transcendendo, assim, os limites que qualquer nacionalidade impõe, almejando como poeta, e a exemplo do seu poeta, fazer-se «resumo e epítome da humanidade mesma» (Sena, 2011a: 336).

Como escreve numa carta a Eduardo Mayone Dias, de 17 de Novembro de 1974: «Estive no Brasil de 1959 a 1965, e desde então nos Estados Unidos: Quanto ao mais, interessará acentuar que, ainda que Brasileiro de nacionalidade, é à literatura portuguesa que pertenceço, pelo que o

melhor será deixar de fora a menção à nacionalidade» (Sena, 1999: 285). Ou, de forma ainda mais radical, num gesto de ressonâncias psicanalíticas: «Eu sou eu mesmo a minha pátria», como diz no poema *Em Creta, com o Minotauro*, de 1965 (Sena, 1989: 74):

Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil,
serei talvez norte-americano quando lá estiver.
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo
quando não acredito em outro, e só outro quereria que
este mesmo fosse. Mas, se um dia me esquecer de tudo,
espero envelhecer
tomando o café em Creta
com o Minotauro,
sob o olhar de deuses sem vergonha.

Obras citadas

- AROWELE, A. P. J. (1977), «Diaspora-concept in the New Testament: Studies on the idea of Christian sojourn, pilgrimage and dispersion according to the New Testament», PhD thesis, University of Würzburg (cit. in Knott e McLoughlin).
- BAUMANN, Martin (2010), «Exile», in Knott e McLoughlin, *Diasporas: Concepts, Intersections, Identities*, London, New York: Zed Books, pp. 19-23.
- BONIFACE, Pascal, dir. (2008), *Dicionário das Relações Internacionais*, trad. Horácio Caprichoso, Lisboa: Plátano.
- COSTA, José Francisco (2003), *A Correspondência de Jorge de Sena: Um Outro Espaço da sua Escrita*, Lisboa: Salamandra.
- FAGUNDES, Francisco Cota (2000), «Ser-se e/immigrante e exilado é como: Subsídios para o estudo de um problemático drama seniano em versos», in Francisco Cota Fagundes e Paula Gândara, org., «Para emergir nascemos...»: *Estudos em Rememoração de Jorge de Sena*, Lisboa: Salamandra, pp. 191-243.
- GUILLÉN, Claudio (1995), *El sol de los desterrados: literatura y exilio*, Barcelona: Quaderns Crema.
- KNOTT, Kim; MCLOUGHLIN, Seán, ed. (2010), *Diasporas: Concepts, Intersections, Identities*, London, New York: Zed Books.
- LOURENÇO, Eduardo (1994), «As marcas do exílio na obra de José Rodrigues Miguéis» [1983], *O Canto do Signo: Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa: Presença, pp. 209-218.
- LOURENÇO, Jorge Fazenda (1998), *A Poesia de Jorge de Sena. Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*, Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- SAID, Edward W. (2000), *Reflections on Exile and Other Essays*, Cambridge, MA: Harvard University Press.
- SENA, Jorge de (1968), Entrevista a Abílio Diniz Silva, *Diário de Lisboa*, 22 de Dezembro, pp. 1 e 21.

- SENA, Jorge de (1977a), Entrevista a João Alves da Costa, *Diário Popular* (Lisboa), 6 de Maio, p. 28.
- SENA, Jorge de (1977b), Entrevista a Ignacio Moneo, *El Adelanto* (Salamanca), 21 de Maio, p. 3.
- SENA, Jorge de (1978a), «A terra dos pais e a dos outros ou breve introdução a um livro de Alexandre Pinheiro Torres» [1972], *Dialécticas Aplicadas da Literatura*, Lisboa: Edições 70, pp. 419-442.
- SENA, Jorge de (1978b), Entrevista a João Camacho Costa e João Lopes, *Abril* (Lisboa), n.º 3, pp. 36-38.
- SENA, Jorge de (1988), *Estudos de Literatura Portuguesa-II*, ed. Mécia de Sena, Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de (1989), *Poesia-III* [1978], 2.ª ed., Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de (2005), *Poesia e Cultura*, ed. Mécia de Sena, Porto: Caixotim.
- SENA, Jorge de (2011a), *Rever Portugal: Textos Políticos e Afins*, ed. Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço, Obras Completas de Jorge de Sena, Lisboa: Guimarães.
- SENA, Jorge de (2011b), *América, América*, ed. Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço, Obras Completas de Jorge de Sena, Lisboa: Guimarães.
- SENA, Jorge de; LOURENÇO, Eduardo (1991), *Correspondência*, org. Mécia de Sena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SENA, Jorge de; DIAS, Eduardo Mayone (1999), «Correspondência», org. Mécia de Sena e Francisco Cota Fagundes, in Francisco Cota Fagundes, org., *Ecoss de uma Viagem: Em honra de Eduardo Mayone Dias*, Providence, RI: Gávea-Brown, pp. 254-302.
- SENA, Jorge de; FERREIRA, Vergílio (1987), *Correspondência*, org. Mécia de Sena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

TRINTA ANOS DE JORGE DE SENA

1982-2012

1. «Um feixe de luz». Recensão crítica de *Correspondência* de Jorge de Sena e Guilherme de Castilho, ed. Mécia de Sena. *O Ponto* [Lisboa], 27 de Maio de 1982, p. 19.
2. Recensão crítica de *Estudos de Literatura Portuguesa-I*, de Jorge de Sena, ed. Mécia de Sena. *O Ponto* [Lisboa], 28 de Julho de 1982, p. 21.
3. «Gaspar Simões crítico de Sena: uma “apagada e humilde” vileza». *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias* [Lisboa], 21 de Junho de 1983, p. 26. Ref. a «Do “anticriticismo” de Fernando Pessoa ao “anticriticismo” de Jorge de Sena», de João Gaspar Simões.
4. «Jorge de Sena, poeta central do nosso tempo». *Diário de Lisboa*, supl. *Ler Escrever*, 7 de Julho de 1983, pp. 1-2.
5. Tradução de «A Jorge de Sena», depoimento e poema de Carlo Vittorio Cattaneo. *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias* [Lisboa], 14 de Maio de 1985, p. 22.
6. «Datas enSenadas». Cronologia biobibliográfica. *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias* [Lisboa], 14 de Maio de 1985, p. 19+.
7. Edição do Dossier «Sena, de novo». *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias* [Lisboa], 14 de Maio de 1985, pp. 18-22.
8. «Jorge de Sena: uma contra-Mensagem». *Expresso* [Lisboa], 15 de Agosto de 1986, pp. 26R-29R. Sobre *O Indesejado* (António, Rei).